



CERCO AO ESTRANGEIRO OU A REPRESENTAÇÃO DE UMA SOCIEDADE FRACA E APÁTICA

Bernardo A. Gasparotto¹
Jéssyca Finantes do Carmo Bózio²

RESUMO: No presente ensaio será proposta uma leitura da obra *O estrangeiro* (1982) de Albert Camus (autor argelino do início do século XX), dando especial atenção aos elementos filosóficos, ações e discursos da protagonista e das demais personagens que com ela travam contato, e como estas se relacionam com a sociedade, mais especificamente com as convenções sociais internalizadas pelos sujeitos e mecanismos de controle social postos e manifestos, em regra, pelas instituições burocráticas. Demonstrar-se-á a apatia e submissão da sociedade diante de tais elementos e a forma como a protagonista da obra, Mersault, reage a estes mesmos fatores.

PALAVRAS-CHAVE: Albert Camus; Apatia; Resistência; Análise literária.

ABSTRACT: This essay propose a reading of the book *O estrangeiro* (1982) Albert Camus (Algerian author of the early twentieth century), giving special attention to the philosophical elements, actions and speeches of the protagonist and other characters that interact with him, also will be show how these relation occur in the society, more specifically how the social conventions are internalized by individuals and the mechanisms of social control that are stand and manifests, in general, by bureaucratic institutions. Also it will demonstrate the apathy and submission of society on the face of such elements and how the protagonist of the book, Meursault, reacts to these factors.

KEYWORDS: Albert Camus; apathy; resistance; Literary analysis.

Albert Camus nasceu no dia 7 de dezembro do ano de 1913, na cidade de Manclovi na Argélia. Filho de um agricultor britânico, morto durante a 1ª Guerra Mundial no ano de 1914, e de uma argelina, se viu obrigado a trabalhar desde cedo para auxiliar na manutenção da família. Com uma infância dura, sem muitas condições, possibilitou-se ao autor que entendesse e experimentasse diversas relações sociais de forma prematura. O absurdo permeava sua realidade, o que permitiu que ele percebesse que o mesmo apenas seria superado por meio do desenvolvimento de “uma consciência lúcida e sem preconceitos [...] A miséria serviu-lhe como

¹ Formado em Direito pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel – UNIVEL. Graduado e Mestre em Letras pela UNIOESTE. Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Letras da Unioeste. Bolsista Sanduíche CAPES, processo nº 99999.004661/2014-01. Integrante dos Grupos de Pesquisa: “Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura e nas Diversas Linguagens” e “Poéticas do Imaginário e Memória”. Integrante do Programa de Ensino de Literatura e Cultura – PELCA. E-mail: odranreb66@yahoo.com.br

² Mestranda em Letras – Português/Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE e bolsista técnica pela Fundação Araucária. E-mail: jessykabozio@hotmail.com



uma escola de descoberta do homem e da criação de novos valores que o ajudassem a construir um mundo novo” (BARRETO, 1977, p. 14). Muito da perspectiva de Camus e de sua obra pode ser observado na seguinte sentença: “aquele que vem ao mundo para nada modificar, não merece respeito e paciência” (CHAR, *apud.* BARRETO, 1977, p. 209).

A reputação de Camus começou a ser construída ainda na escola primária quando um de seus professores após perceber o potencial do jovem acabou por conseguir uma bolsa de estudos no Ginásio de Argel para ele. Mais tarde formou-se em Filosofia pela Universidade da Argélia. Escreveu ensaios, novelas, peças, etc., dedicando sua vida a trabalhar com os valores apresentados e impostos por uma sociedade, por um sistema irracional e vicioso.

Via de regra, Camus é classificado como sendo um escritor ou filósofo existencialista, no entanto, há que se observar que o próprio autor negava tal aproximação: "Não, não sou existencialista [...] e o único livro de idéias que eu publiquei 'Le Mythe de Sisiph' (O Mito de Sísifo), foi contra os filósofos chamados existencialistas" (BARRETO, 1977, p. 20-21).

Outro aspecto de suma importância, principalmente no que se refere à produção literária deste autor, diz respeito ao fato de que Camus, bem como outros autores de sua geração, viveram um período conturbado da história mundial:

A I Guerra Mundial, a depressão econômico-financeira de 1929, os expurgos dos processos de Moscou em 1936, a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a defecção da democracia liberal-burguesa diante de Hitler em Munique (1938), os massacres e destruição de populações inteiras na II Guerra Mundial, culminando as suas experiências históricas com a destruição cientificamente controlada de Hiroshima e Nagasaki. Todos esses acontecimentos viriam alterar fundamentalmente a vida e a obra de toda uma geração (BARRETO, 1977, p. 10).

Mediante a observação do que acaba de ser mencionado, não há que se questionar o rápido declínio da tendência romântica, tão bem quista e reproduzida na literatura do século XIX. Os ideais de que o ser humano era em essência bondoso, de que o progresso traria, inevitavelmente, o bem-estar e a felicidade para a humanidade, acabava por sucumbir diante das teorias positivistas e deterministas que se popularizavam, bem como de um pessimismo diante dos fatos históricos que se manifestavam. Os filósofos e escritores começaram, principalmente a partir do início do século XX, a criticar e questionar, de forma direta, diversos costumes, convenções e valores que se manifestam – de maneira livre ou imposta – no seio da sociedade,



em especial seus discursos, que, geralmente, buscam pura e simplesmente a legitimação de um estado de coisas ou mesmo garantir que uma determinada circunstância se perpetue, percebendo as diferenças entre o que se alega e o que efetivamente se produz na prática das relações sociais.

Especificamente na obra de Camus, pontualmente em *O Estrangeiro*, pode-se observar um posicionamento do protagonista no sentido de que, independentemente do que é apresentado e da forma como se manifestam as relações sociais, ele tem como objetivo maior desfrutar a vida da forma mais tranquila e prazerosa possível, não se deixando abater pelos obstáculos que “surgem”, mas sim buscando forças dentro de si, em seus princípios, e algumas vezes, mesmo através da racionalização, da argumentação lógica (como ocorre no encontro forçado com o capelão, pouco antes de sua execução), não se permitindo dobrar ou aceitar pretensas verdades que são impostas pela sociedade que o cercava.

De uma forma geral, o que se pode perceber dessa maneira de produzir literatura, que começou a se manifestar de forma mais concreta a partir do início do século XX – em especial na obra de Camus –, são algumas características como: a desconsideração dos posicionamentos tradicionais no que se refere às personagens, que não mais podem ser identificadas apenas como bondosas ou maldosas, ou mesmo conceitos como bem e mal ou certo e errado; desenvolvimento de uma crueza nas representações da vida e das relações sociais, chegando ao ponto de, para desvelá-las, reduzir ao extremo, apresentando o absurdo das mesmas; e por fim, a demonstração de que os homens são diretamente responsáveis por seus atos e escolhas. (BARRETO, 1977, p. 12-13).

Na obra *O Estrangeiro*, quando se está falando sobre Mersault, a protagonista, fácil é caracterizá-lo como sendo um sujeito frio, distante, indiferente aos acontecimentos que o cercam e mesmo apático, que permite ser levado pelas vontades e desejos alheios. No entanto, em uma observação mais cuidadosa, essas características podem ser facilmente questionadas, a personagem emerge como um reflexo distorcido, desvelador dos sujeitos e organizações que com ele travam contato. Logo no primeiro parágrafo da obra, quando se apresenta o telegrama enviado pelo asilo informando sobre o falecimento da mãe de Mersault, bem como a reação do mesmo a tal notícia, de imediato se pode aventar acerca da frieza e indiferença com que a personagem reage a tal circunstância. Mas realizando-se uma leitura mais atenta, de imediato se pode perceber que a frieza, indiferença e impessoalidade estão mesmo constantes, no entanto elas são provenientes do telegrama emitido pela instituição, a personagem apenas se coloca na mesma



frequência, adequando-se ao discurso. “Recebi um telegrama do asilo: ‘Sua mãe falecida. Enterro amanhã. Sentidos pêsames’. Isto não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem.” (CAMUS, 1982, p. 155). Reagir de forma pouco emotiva seria ainda mais fácil para ele do que para o asilo que teria acompanhado cuidadosamente e com grande proximidade os últimos anos e suspiros de vida da velha. Mersault há muito não se relacionava com a mãe, assim, os laços sociais que vinculam a família já haviam sido cortados. Ele se mostra tão apático quanto a sociedade que o cerca, a diferença é que ele não produz um discurso falso como a instituição o fará adiante, ele mantém sua postura em relação à morte da mãe até o fim da obra.

Em seguida, no segundo parágrafo da obra, pode-se perceber que o que rege a conduta social, o que é certo e errado, e valores como bem e mal, são as convenções sociais que se estabelecem no seio da sociedade, o status de que se revestem algumas circunstâncias. Nesse momento da obra, incorre um conflito de valores existentes na sociedade, a protagonista requer dois dias de folga no trabalho para o enterro da mãe, o patrão a contragosto lhe confere, mas o que se pode observar é um conflito entre dois valores estabelecidos, o dever de velar um ente da família e o dever de trabalhar. Os dois são importantes para a manutenção do sistema posto e igualmente pouco relevantes para a personagem, a mãe já não significava nada que não lembranças para Mersault, enquanto que o trabalho lhe era totalmente indiferente, algo que notara de imediato ao deixar a Faculdade. Nesse episódio ainda se percebe que uma circunstância acaba sendo reforçada, ganhando contornos solenes, mais devido a um ritual do que ao fato em si, ou seja, o relevante não é a morte da velha, mas sim o fato de ter de enterrar a mãe, vestir-se de luto, parecer-se triste e receber os pêsames de todos que com ele convivem, é diante deste rito que o fato ganha importância social e reconhecimento. Na obra: “Ele é que tinha de me dar os pêsames. Mas com certeza o fará, depois de amanhã, quando me vir de luto. Por agora, é um pouco como se mamãe não tivesse morrido. Depois do enterro [...] tudo passará a revestir-se de um ar mais oficial.” (CAMUS, 1982, p. 155-156).

O sistema foi erigido de tal forma que a vida do indivíduo passa, invariavelmente, pelos mecanismos burocráticos que acabam muitas vezes por regulá-la, transformando e manipulando o fato em si, direcionando os efeitos que devem ser produzidos a partir do mesmo. Ou seja, os entes burocráticos regulam os fatos que com ele se relacionam, apresentando os trâmites que devem ser respeitados, desta forma, o fato em si perde a importância, passando a ser relevante socialmente o caráter oficial que reveste o ocorrido. Na obra, a morte da Mãe do



protagonista e os sentimentos que este poderia ter são desconsiderados em favor de um ritual que deve ser respeitado, as regras são estabelecidas e devem elas ser seguidas indistintamente: “Quis ver imediatamente minha mãe. Mas o porteiro disse-me que precisava, antes disso, falar com o diretor. Como ele estava ocupado, esperei ainda um pouco. Depois, o diretor recebeu-me no seu gabinete.” (CAMUS, 1982, p. 156-157).

Por diversas vezes, não apenas na obra, mas no que ela se propõe a representar, pode-se ter uma impressão de verdade e sinceridade no discurso oficial, no entanto não se deve deixar enganar, o sistema foi e é constantemente erigido sobre raciocínios e justificativas que visam tão somente legitimar sua existência. Para dificultar a percepção de tal fato, se utilizam de uma série de estratégias, de amontoados de papéis e rituais que devem ser observados, e que em última análise apresentariam a validade, a função e a eficácia do instituto. No caso da obra, o diretor em um discurso de certa forma acalentador, apresenta o valor e importância do asilo:

Consultou (o diretor) um processo e me disse: - A senhora sua mãe entrou aqui há três anos. O senhor era seu único amparo. [...] não tem nada que se justificar, meu filho. Estive a ler o processo de sua mãe. O senhor não podia lhe suportar as despesas. Ela precisava de uma enfermeira. O seu ordenado é modesto. E, no fim das contas, aqui ela era mais feliz. [...] Sabe o senhor, aqui ela tinha amigos, pessoas da mesma idade. [...] O senhor é novo e, a seu lado, ela aborrecia-se com certeza. (CAMUS, 1982, p. 157).

No entanto, o que se pretende é apenas o controle da população e de suas relações, bem como a manutenção de um estado de coisas já posto. É importante que a massa economicamente ativa continue trabalhando e sustentando o sistema e não se preocupando e perdendo tempo, que poderia ser direcionado para a produção, com laços familiares que não viriam a gerar mais mão-de-obra.

No que se refere às relações humanas, pode-se perceber, mediante a observação das relações mantidas entre mãe e filho, nos momentos que anteciparam a ida da velha para o asilo, que o condicionamento e indiferença daquela, e a comodidade e indiferença deste, na verdade, servem para expressar que mesmo o laço materno, o amor e as relações familiares, não passam de uma convenção estipulada pela sociedade. Em relação a isto, pode-se observar na obra, em relação à mãe: “Quando estava lá em casa, mamãe passava o tempo a seguir-me em silêncio com os olhos. Nos primeiros dias de asilo, chorava muitas vezes. Mas era por causa do hábito. [...] choraria se a tirassem do asilo, ainda devido ao hábito.” (CAMUS, 1982, p. 157). No que se refere



à ação do filho, pode-se observar o seguinte: “Foi um pouco por isto que, no último ano, quase não a fui visitar. E também porque a visita me tomava o domingo – sem contar o esforço para ir até o ônibus comprar as passagens e fazer duas horas de viagem.” (CAMUS, 1982, p. 157-158). Trata-se de algo que não se pode escolher, você nasce e é praticamente obrigado, devido ao contrato social estatuído entre os indivíduos, dentro de um estado de coisas, a conviver com as pessoas com quem você possui algum laço sanguíneo, o que propicia um ambiente mais seguro e passível de controle pela estrutura burocrática (instituições de ensino, de previdência, de saúde, etc.), no caso da obra, representada pelo asilo.

O primeiro rompimento com as convenções sociais, expresso na obra, se dá em um momento de descontração em que Mersault e o porteiro do asilo começam a conversar diante do caixão da mãe sobre assuntos práticos acerca do processo de enterro. A voz que representa as convenções sociais de imediato surge em um tom de repreensão, quando a mulher do porteiro se manifesta, mas Mersault deixa claro que se trata de uma discussão válida e importante no que se refere à situação em que se encontram:

Em Paris fica-se com o morto, às vezes três ou quatro dias. Aqui não há tempo, mal nos habituamos à idéia e temos que correr logo atrás do carro funerário. A mulher dele dissera-lhe então: - Cala-te, não são coisas que se digam ao senhor. - o velho corara e se desculpara-se. Eu intervieria para dizer: - Não, não... - Achava o que ele estava a dizer verdadeiro e interessante. (CAMUS, 1982, p. 160-161).

Nesse momento, o que se percebe é uma discussão de cunho prático, acerca do que seria lógico e relevante para que se realizasse o enterro de forma menos impactante possível. No entanto, por ir contra os preceitos e valores estatuídos pela sociedade torna-se passível de repreensão. Trata-se de uma discussão, um conflito entre o que seria o mais racional e “equilibrado” a se fazer e o que os costumes rezam que se faça. Falar sobre o processo de decomposição de um corpo, diante do mesmo e com um ente querido é questionável, mas mais digno de repreensão seria a consequência de deixar um corpo em um local onde o processo de putrefação é acelerado devido às altas temperaturas. Não se trata de frieza por parte de Mersault, mas sim de preocupação em relação a um possível desequilíbrio que poderia ser manifesto.

Em seguida, ocorre a representação de valores como a ambição e o orgulho dos seres humanos, a sede de poder resta patente quando o porteiro começa a narrar seu ingresso no asilo,



ele afirma ter chegado à instituição como um “indigente”, mas encontrou lá uma chance de ser alguém. Como se sentia ainda ativo e capaz de realizar algumas funções lhe foi possibilitado, em certa medida, controlar algumas circunstâncias que se manifestavam dentro do asilo. Isso produzia uma impressão de ser “mais”, ser diferente dos “outros” que se encontravam como pensionistas, por parte do porteiro. Tal discurso fica patente quando se observa a forma como este se referia aos demais, nunca usando verbos na primeira pessoa do plural, quando se referia aos pensionistas era sempre como: “eles”, “os outros” ou “os velhos” (CAMUS, 1982, p. 161). Tal posicionamento é percebido pela protagonista, que ainda que não se expresse de forma a aceitar ou rejeitar tal fenômeno, tem ciência do que perpassa tal circunstância, as relações de poder e os valores que se manifestam de forma marcante.

Ainda no episódio em que Mersault está velando a mãe em companhia do porteiro, ocorre um momento de hesitação quando a protagonista deseja fumar, não sabendo se “poderia”, devido a uma convenção social, mas logo ocorre a superação de tal dúvida. “Tive então vontade de fumar. Mas hesitei, pois não sabia se o podia fazer diante da minha mãe. Pensei, e concluí que isso não tinha importância nenhuma. Ofereci um cigarro ao porteiro e fumamos os dois.” (CAMUS, 1982, p. 161-162). Este é um dos poucos momentos da obra em que Mersault sente-se impelido a observar uma regra posta. Trata-se de algo que já está a tanto tempo internalizado nos costumes humanos que se arraigou e criou uma dúvida na personagem. Mas ela novamente se coloca a margem do sistema e obedece a seus desejos, bem como ao que seria mais propício no momento, aliviar a tensão que poderia estar sentindo, deixando de lado rituais e convenções que em verdade nada representam para ele. Observa-se que tais convenções e rituais servem tão somente para atribuir um ar solene e produzir relações que possibilitem o controle e a manipulação de determinados atos e circunstâncias, como é o caso específico de todo o processo de enterro, descrito na obra, manifestando que, de fato, deve ser algo sombrio, triste e controlado. O que é interessante para o sistema que busca evitar o descontrole social devido à exacerbação de sentimentos que poderiam ter sido nutridos no desenrolar das relações prévias.

Durante a realização do velório há outro período que chama muito a atenção, quando Mersault realiza a descrição dos velhos, “colegas de sua mãe”, que ficariam junto com ele durante o ritual religioso.

Não os ouvia [...] custava-me a acreditar que tivessem realidade. Quase todas as mulheres usavam um avental e o cordão que as apertava na cintura mais lhes



realçava a barriga inchada. Nunca havia notado que as barrigas das mulheres velhas eram tão grandes. Os homens eram quase todos muito magros e traziam bengalas. O que me impressionava em suas fisionomias era que eu não lhes via os olhos, mas unicamente uma luz sem brilho, no meio de um ninho de rugas. [...] os beijos comidos pelas bocas desdentadas, sem que tivesse percebido ao certo se me estavam a cumprimentar, ou se era apenas um tique. (CAMUS, 1982, p. 163).

Essa descrição realizada pelo Narrador vai muito além de uma mera caracterização de personagens, ela é carregada de significados que em conjunto com os demais elementos da obra denunciam, nesse caso em específico, o que o sistema faz com os seres humanos que já não mais podem ser “aproveitados”, que não tenham capacidade para produzir ou consumir. As barrigas das mulheres são inchadas devido ao papel que exerciam na sociedade da época (e bem na verdade ainda exercem, só que agora em conjunto com grande parte dos homens) de receber os valores, de consumir ideologias, sem questionar. O que elas possuem dentro de si não é gordura ou matéria, mas sim todo um amontoado de tradições ultrapassadas que apenas servem para deformar o ser humano, principalmente após a velhice, quando tais “ritos” perdem os sentidos e sua representação no seio social, restando apenas uma massa disforme que deve ser apartada da comunidade para que não cause a repugnância ou desperte os demais seres humanos de seu estado letárgico.

O homem em sua idade avançada é descrito como magro e usuário de bengala. Magro devido ao fato do sistema ter sugado tudo o que ele tinha de bom, toda sua capacidade de produção, sua criatividade, sua paz de espírito, sua vontade de poder e mudança, deixando ao fim apenas a sombra de um ser humano, algo jaz sem esperança, apenas pele e ossos, apoiado em um pedaço de madeira (talvez a única coisa, que ele tenha produzido para o sistema, que efetivamente vá ajudá-lo, mesmo que manchando o mínimo brio que ainda possa lhe restar), resultado de ter carregado o mundo (o sistema) nas costas.

Quando da descrição dos olhos: “unicamente uma luz sem brilho, no meio de um ninho de rugas”, o que se pode inferir é que essa falta de brilho, essa imagem opaca, representa a morte do desejo, que é algo tão presente e visível quando o homem encontra-se no auge de sua juventude, o fogo, a esperança, a vontade de lutar e alcançar objetivos, que no momento são tão grandiosos, tudo isso é eliminado do ser humano, esmagado pela mão cega e obstinada de um sistema opressor e indiferente, mas que ainda assim é seguido e mantido por aqueles que são explorados, ou seja, todos os seres humanos.



Assim perderam o brilho no olhar, todos também perderam seus dentes, mas isso não devido à carência de vitaminas, mas sim devido à “alimentação” que é proporcionada pelo sistema que nada lhes dá em retorno que não seja fútil e efêmero, as ideologias e falsas promessas de luxo e riqueza se desfazem no ar e apenas são percebidas quando o indivíduo se vê sozinho, inútil e abandonado. No fim, com sorte, o máximo que se pode ter é um “amigo”, alguém que se aproximou devido a uma identificação qualquer, uma dor ou lembrança. Na obra esse alguém é representado pelo velhinho que “acompanha” com dificuldade o enterro, não é o filho ou um enfermeiro que está compadecido e “ao lado” da velha morta, e sim um estranho, que se tornou companheiro devido a uma circunstância perniciosa comum. Enfim, tudo que se observa da descrição destes velhos é na verdade uma representação do que o sistema cria e faz com o ser humano...

Há ainda, ao fim deste episódio, mais uma mostra de como certas convenções sociais estão arraigadas no seio da comunidade e como produzem elas efeitos poderosos, capazes de criar uma pretensa aproximação e identificação entre aqueles que compartilham do rito. Tal episódio ganha forma na obra quando do fim do velório da mãe de Mersault: “À saída, e com grande espanto meu, vieram-me todos apertar a mão – como se esta noite em que não havíamos trocado uma só palavra tivesse aumentado nossa intimidade.” (CAMUS, 1982, p. 165).

Findo o enterro, retorna para casa. Vai à praia e revê Maria, com quem inicia um romance. Na manhã seguinte, desperta muito cedo e se dá conta de que é domingo, não gosta de domingos, vira-se para o lado onde consegue ainda sentir o cheiro de Maria e dorme até às dez horas, quando se levanta e fuma até o meio dia. Não deseja ir almoçar, como de costume no Celeste, e resolve comer o que tem na geladeira, evitando também descer até o mercado (CAMUS, 1982, p. 176). O que se percebe desse momento é uma busca por fugir da rotina e dos padrões estabelecidos pelo sistema, o status que agora apresenta, de alguém que deve estar de luto, lhe incomoda profundamente, o que ele deseja é levar a vida da maneira mais aprazível possível, tristeza ou lágrimas não trarão de volta uma pessoa que já morreu, nem essa seria a intenção da protagonista, pois do que adiantaria? Para mantê-la afastada, em um estado deplorável, desprovida de dignidade, e mesmo, em última análise, era alguém que nada mais tinha haver consigo? Devido a isto inicia um romance e procura evitar a alcunha de alguém que está de luto, livrando-se das repercussões que geram o ritual solene do qual fizera parte nos dois dias que antecederam o domingo.



Ao fim do domingo: “Pensei que passara mais um domingo, que mamãe já estava enterrada, que ia regressar ao meu trabalho e que, no fim das contas, continuava tudo na mesma.” (CAMUS, 1982, p. 181). O que se percebe de tal trecho é que Mersault já tinha consciência do estado de sua mãe, de que ela não morreria poucos dias antes, mas sim quando envelheceu e perdeu “aquele brilho” no olhar, ela podia não estar literalmente morta, mas estava enterrada em um asilo, exilada do resto do mundo. Assim, o ritual ou o status que agora revestia sua pessoa era totalmente indiferente para a protagonista, tratam-se de convenções que buscam reger e controlar circunstâncias, mesmo o tempo, mas ninguém pode negar que “trinta e um de dezembro é sempre igual a primeiro de janeiro”, não passam, na melhor das hipóteses, de nomenclaturas que marcam o movimento da Terra.

As ideologias e o controle social estão, de tal forma, imiscuídos no seio social, que chegam mesmo a estabelecer o que vem a ser uma morte aceitável ou não: “[...] quis saber (o patrão) a idade de mamãe. Para não me enganar, respondi: - Uns sessenta e tantos anos -, e, não sei por quê, ficou com um ar aliviado, com um ar de ‘assunto arrumado’.” (CAMUS, 1982, p. 182). Assim, resta claro que a mãe já havia vivido “tempo suficiente”, sem perceber, o patrão representa aqueles que legitimam um estado de coisas, ela já pode morrer, estava afastada da comunidade e nada mais produzia ou consumia, já realizou tais feitos o suficiente, não sendo sua existência mais importante...

Outro elemento interessante na obra surge de maneira pontual, quando se dá a aproximação do homem, o velho Salamano, em relação a um animal, o cão de estimação do velho:

Ao subir, na escada escura, choquei com o velho Salamano, meu vizinho de andar. Ia com o cão. Há oito anos que não se largam. O rafeiro tem uma doença de pele que lhe fez cair todo o pêlo e que o cobre de manchas e de crostas. À força de viver com ele, os dois sozinhos num pequeno quarto, o velho Salamano acabou por ficar parecido com o cão. Quanto ao cão, tomou do dono uma espécie de ar curvado, focinho para a frente e pescoço estendido. Parecem da mesma raça, e no entanto detestam-se. Duas vezes por dia, às onze e às seis horas, o velho leva o cão a passear. Fazem há oito anos o mesmo itinerário. Seguem ao longo da rua de Lyon, o cão a puxar pelo homem até o fazer tropeçar. Põe-se então a bater no bicho e a insultá-lo. O cão roja-se cheio de medo e deixa-se arrastar. Nesse momento é o velho quem tem que puxar. Quando o cão se esquece, põe-se outra vez a puxar e é outra vez espancado e insultado. Ficam então os dois no passeio e olham-se, o cão com terror, o homem com ódio. É assim todos os dias. Quando o cão quer fazer as suas



necessidades, o velho não lhe dá tempo e arrasta-o: Se por acaso o cão "faz" no quarto, também lhe bate. Isto dura há oito anos. (CAMUS, 1982, p. 184-185).

Nesse processo de identificação recíproca, percebe-se mesmo que o cão chega a ser “melhor”, mais gentil, que o dono, pois não revida às agressões... apenas sofre, como o próprio homem, só que este ainda tem o cão a quem surrar, transformando-o em uma espécie de válvula de escape para suas frustrações. O homem é oprimido pelo sistema quase tanto quanto o animal, a distinção entre os dois é que aquele tem uma maior capacidade racional, fazendo com que os efeitos do subjugamento sejam amplificados, fazendo com que ele agrida aquele que é o único que se acompanha independentemente de qualquer obrigação.

O velho apenas se dá conta do que fazia e do quão era importante o cachorro em sua vida quando este acabou por escapar e não retornar em um dos passeios rotineiros: “Pouco depois ouvi os passos do velho e bateram à porta. [...] Disse: - ‘Desculpe, desculpe’. [...] Olhava para as pontas dos pés e tremiam-lhe as mãos. Olhando para o lado, perguntou: ‘Não o vão apanhar, pois não, sr. Meursault? Vão-mo dar outra vez, não vão? O que vai ser de mim?! O que vai ser de mim?!’” (CAMUS, 1982, p.199). Diante desta cena, observa-se a importância da única coisa que o velho realmente tinha, o cachorro, seu companheiro nos últimos oito anos. Ele era como os velhos do asilo, apenas com uma mínima condição financeira maior, no entanto, da mesma forma, era um ser marginal ao sistema, não mais produzia, não mais era importante para a “comunidade”, causaria o mesmo sentimento de alívio que teve o patrão da protagonista, caso morresse.

No capítulo IV da obra percebe-se talvez o momento em que melhor resta expresso o que agrada Mersault: ele sente-se “feliz” com a companhia de um “marginal” (Raimundo), alguém que também se manifesta de forma questionável diante dos preceitos tidos como aceitáveis pela sociedade: agrada-lhe muito o fato de manter relações sexuais com Maria, não levando em consideração o fato de amá-la ou não, e o fato de isso não interferir no amor que Maria sentia por ele também produzia certo prazer, uma vez que estava diante de alguém que não se preocupava tanto com convenções sociais como casamento, ou ao menos não era essa a prioridade, bastava o sentimento amar e sentir-se amada. O prazer físico e a ausência de males e incômodos psíquicos, se sentir desprendido dos grilhões e deveres postos pelo sistema, é o que se caracteriza como mais importante para a protagonista. O sentimento de liberdade e marginalidade em relação às convenções sociais que sentia quando estava junto a Raimundo ou Maria são os



momentos mais marcantes da obra, em que se percebe Mersault alegre. Isso é reforçado nos primeiros momentos em que a protagonista permanece na casa de praia de Masson.

Mesmo quando se tratava de um assunto que envolvia status no trabalho e, conseqüentemente, na sociedade, uma oportunidade de aferir maior recurso, possibilitando ainda realizações de viagens, Mersault se mostra, no fundo, indiferente à proposta realizada por seu chefe:

Tencionava instalar um escritório em Paris, para tratar directamente com as grandes companhias e perguntou-me se eu estava disposto a ir. Poderia assim viver em Paris e viajar durante parte do ano. "Você ainda é novo e creio que essa vida lhe agradaria". Disse que sim, mas que no fundo me era indiferente. Perguntou-me depois se eu não gostava de uma mudança de vida. Respondi que nunca se muda de vida, que em todos os casos, todas as vidas se equivaliam e que a minha, aqui, não me desagradava. Mostrou um ar descontente, disse que eu respondia sempre à margem das questões, e que não tinha ambição, o que para os negócios era desastroso. (CAMUS, 1982, p. 202).

Resta evidente neste trecho, a completa indiferença da protagonista em relação a qualquer convenção que se manifeste no ambiente de trabalho. Sua única preocupação é não desagradar aqueles que o cercam, no caso em específico o patrão, mas, quando passa a envolver algo que alteraria o equilíbrio de sua vida, causando uma perturbação, a inserção de um elemento instável, que se materializa como a proposta de ir para Paris, ele de imediato se coloca distante, o que é praticamente um insulto no sistema capitalista, a natureza da iniciativa privada exige, daqueles que a compõem, um caráter empreendedor. E de forma alguma parece atraente para Mersault trabalhar 12 horas por dia ou exercer um cargo de chefia, em que responsabilidades recairiam sobre si, não parece atrair a personagem.

Os desejos de fama e riqueza assombraram a protagonista durante a adolescência, quando ainda estava sofrendo influências de grande monta por parte do mundo acadêmico: "Quando era estudante, alimentara muitas ambições desse gênero. Mas quando abandonei os estudos, compreendi muito depressa que essas coisas não tinham verdadeira importância." (CAMUS, 1982, p. 202). Nesse momento, realiza-se uma dura crítica ao sistema educacional, que aliena e condiciona os alunos a uma situação que não precisa ser a única opção. Tal posicionamento resta claro no momento em que Mersault fala que "essas coisas não tinham verdadeira importância", mostrando que o mundo da academia, e aquele para o qual os jovens



são preparados, em realidade, não passam de uma perspectiva, de uma ficção como qualquer outra idéia de mundo.

Adiante se realiza um pequeno comentário bem humorado de uma das personagens, mas que, no fundo, atinge o coração, a mais pura das convenções estatuídas pelo sistema: “Comíamos sem falar [...] ‘Sabem que horas são? São onze e meia’. [...] Masson disse que se tinha comido muito cedo, o que era natural, pois a hora do almoço era a hora em que se tinha fome.” (CAMUS, 1982, p. 214), trata-se do “horário do almoço”, tudo se encontra de tal forma estagnada que a hora de comer não é mais quando se tem fome, de dormir não é quando se tem sono, tudo fora de tal forma estabelecido e engessado que os desejos humanos foram relegados ao segundo plano, a prioridade é sempre a produção, a perpetuação e a manutenção do sistema. O “direito público” de tal forma se desenvolveu que acaba por esmagar qualquer direito ou vontade do indivíduo enquanto sujeito, e esse esmagamento do indivíduo acaba por se manifestar na obra quando do desfecho da mesma, com a condenação de Mersault em um julgamento baseado em valores e argumentos questionáveis.

No capítulo VI ocorre uma das ações mais representativas de Mersault na obra, ela ocorre pouco depois de Raimundo ser ferido em uma briga na praia, no entanto há algumas coisas a serem observadas, a protagonista já havia acordado mal, passou momentos de tensão durante o encontro na praia com o grupo de árabes que desejava atacar Raimundo, e que efetivamente o fizera, após levar Raimundo até a casa, não era sua intenção continuar a ouvir a choradeira e as lamurias das mulheres, então resolve voltar para a praia, onde estava muito calor, seu desejo era voltar para a nascente fresca que brotava por trás do rochedo, entretanto havia um obstáculo para que pudesse chegar até seu objeto de desejo, o árabe que havia atacado Raimundo lá se encontrava, Mersault então realiza um movimento brusco, em resposta o árabe mostra a faca. A partir daí é um momento repleto de *poiesis* que foi bem representado pelo The Cure:

With a gun in my hand
Staring at the sea
Staring at the sand
Staring down the barrel
At the arab on the ground
I can see his open mouth
But I hear no sound
[...]
I can turn
And walk away



Or I can fire the gun
Staring at the sky
Staring at the sun
Whichever I chose
It amounts to the same
Absolutely nothing

I'm alive
I'm dead
I'm the stranger
Killing an arab

I feel the steel butt jump
Smooth in my hand
[...]
Staring at myself
Reflected in the eyes
Of the dead man on the beach³

Quando os raios do sol refletem no metal da faca tudo se desfaz, apresenta-se frágil e pequeno. Meursault dispara contra o árabe, mas o que ele mata não é um homem, mas sim uma condição. Quando ele dá o primeiro tiro ele quebra o equilíbrio social, sendo que os quatro tiros seguintes não foram para matar homem, mas sim destruir um sistema de coisas, representando o primeiro de dois gritos de revolta que surgem na obra. Tiros contra a sociedade do absurdo que vai condená-lo. Trata-se de um ato de revolta, uma explosão contra tudo aquilo que se acumulava, o que o oprimia e incomodava, o que ele não gostava em si mesmo, foi o último passo para a libertação total, um grito de adeus para uma sociedade absurda, repleta de indivíduos obtusos, que legitimam um sistema absurdo.

Após o fato “criminoso” Mersault é capturado e processado, aqui, novamente, mostra-se a frieza do sistema, de suas instituições que mantem a ordem social: “[...] fui interrogado por várias vezes. Mas tratava-se de interrogatórios de identidade, que não duraram muito tempo. A primeira vez, no comissariado, o meu caso parecia não interessar a ninguém.”, já no segundo interrogatório observavam o caso com mais cuidado, mais ainda limitavam-se a perguntas de natureza mais prática “[...] para começar, perguntou-me apenas o nome e a morada,

³ Esperando na praia / Com uma arma na mão / A olhar o mar / A olhar a areia / A olhar pelo cano / para o árabe no chão / Eu consigo ver a sua boca aberta / Mas não ouço nenhum som [...] / Posso virar-me / E ir embora / Ou posso disparar a arma / A observar o céu / A observar o sol / O que quer que escolha / Vai dar no mesmo / Absolutamente nada / Estou vivo / Estou morto / Sou um estranho / Matando um árabe / Sinto o impulso da arma / Suave na minha mão [...] / A olhar-me a mim próprio / Refletido nos olhos / Do homem morto na praia. (Tradução Nossa).



a profissão, a data e o local do nascimento.” (CAMUS, 1982, p. 227). Dessa forma percebe-se que os entes burocráticos estão muito mais preocupados com detalhes técnicos, com vistas a assegurar que o processo seguirá seus devidos trâmites, do que com o fato criminoso em si, com a perda de uma vida.

O processo prossegue sem seguir uma ordem lógica, sem voltar-se para a solução do problema do homicídio. Isso tanto por parte do advogado de defesa de Mersault (que na verdade serve tão somente para legitimar o status que se encontra manifesto no seio social) quanto por parte dos representantes do poder público.

Sentou-se na cama e explicou-me que tinham andado a investigar a minha vida privada. Tinham descoberto que a minha mãe morrera recentemente no asilo. Procedera-se então a um inquérito em Marengo. Os investigadores tinham sabido que eu ‘dera provas de insensibilidade’ no dia do enterro. ‘Veja se compreende, disse o advogado, custa-me um bocado perguntar-lhe isto. Mas é muito importante. E será um grande argumento para a acusação, se eu não conseguir dar resposta’. Queria que eu o ajudasse. Perguntou-me se eu, nesse dia, tinha tido pena da minha mãe. Esta pergunta muito me espantou e parecia-me que não era capaz de a fazer a alguém. [...] É claro que gostava da minha mãe, mas isso não queria dizer nada. Todos os seres saudáveis tinham, em certas ocasiões, desejado mais ou menos, a morte das pessoas que amavam. Aqui, o advogado cortou-me a palavra e mostrou-se muito agitado. (CAMUS, 1982, p.229-230).

Pôs-se a pensar. Perguntou-me se se poderia dizer que, nesse dia, eu reprimira os meus sentimentos naturais. Respondi: "Não, porque não é verdade". Olhou-me de um modo estranho, como se eu lhe inspirasse uma certa repulsa. Disse-me quase maldosamente que, de qualquer forma, o director e o pessoal do asilo seriam ouvidos como testemunhas, o que "seria sem dúvida muito mau para mim". Fiz-lhe notar que essa história não tinha nenhuma relação com o meu caso, mas ele respondeu-me que se via bem que eu não conhecia a justiça de perto. (CAMUS, 1982, p. 230).

Com vistas a isto e a forma como o processo se desenrola na obra pode-se perceber que a verdade está longe de ser o objetivo principal a ser alcançado. Manifestam-se, no decorrer do julgamento, argumentos desviantes, relacionados muito mais a problemas morais e a desvios de conduta do que voltados para a problemática do assassinato. E no discurso, mesmo do advogado de defesa, resta patente que a verdade ou a discussão do problema social que culminou no homicídio está muito distante de ser o objetivo central do processo, sendo este apenas alcançar o veredicto de inocente, alcançando êxito na lide, independente dos valores que seriam sacrificados.



Durante as alegações finais, apresenta-se um momento deveras interessante, o promotor, que deveria se portar de maneira solene e com toda a compostura e racionalidade que se pode esperar de um representante do judiciário, que afinal é o órgão responsável pelo destino de um incontável número de vidas, na verdade se mostra destemperado e arrogante quando fala dos sentimentos e da alma de Mersault, enquanto este, assassino, criminoso, mostra-se pacífico e disposto a discorrer acerca do fato que deveria estar sendo ali julgado:

Podemos dizer, em sua defesa, que este homem exprimiu algum arrependimento? Nunca, meus senhores. Nem uma só vez no decurso da instrução do processo, pareceu emocionado com o seu crime abominável?. Nesse momento voltou-se para mim e apontou-me com o dedo, continuando a fulminar-me, sem que na realidade eu compreendesse muito bem por quê. Não posso deixar de reconhecer, sem dúvida, que ele tinha razão. Não me arrependia muito do que tinha feito. Mas espantava-me uma atitude tão encarniçada. Gostaria de lhe poder explicar cordialmente, quase com afeição, que nunca me arrependera verdadeiramente de nada. Estava sempre dominado pelo que ia acontecer, por hoje ou por amanhã. Mas evidentemente, no estado a que me haviam levado, não podia falar a ninguém neste tom. Não tinha o direito de me mostrar afectuoso, de ter boa vontade. E tentei continuar a escutar, pois o procurador começou a falar da minha alma. (CAMUS, 1982, p. 272).

A voz do promotor é a voz que representa a sociedade que foi atacada, que sofrera um ato de violência marcada na pessoa do árabe. Desta forma, percebe-se que a sociedade, na figura de seu representante, julga que conhece os sentimentos de Mersault melhor do que ele mesmo, chegando mesmo ao absurdo de abordar o tema da alma, algo tão subjetivo que nem seu pretendo detentor tem certeza de sua existência. A protagonista coloca-se de forma pacífica, lembrando mesmo o cordeiro manso, que tem ânsia de mostrar sua verdade, mas que se põe em sacrifício pelo bem dos demais. Mersault demonstra muito mais preocupação e dispensa mais atenção com relação ao que o cerca do que consigo mesmo, procura não perturbar a ninguém (o que no fundo era o que desejava que os outros também fizessem em relação a ele), mesmo agradá-los, pois se tudo estiver bem a sua volta, conseqüentemente, ele também o estará. Isso é visível quando ele narra com detalhes as ações e expressões (buscando perceber os sentimentos apresentados) dos outros, em comparação, de si ele nunca fala, pouco se sabe de suas características, nem mesmo seu primeiro nome ou o da mãe, tudo que busca é sua paz de espírito e a realização dos desejos naturais, mas isso ainda sem interferir ou desagradar a outrem.



Próximo do fim da obra apresenta-se o segundo grito de revolta da protagonista, quando mantém um diálogo contra sua vontade com o capelão que lhe vem tomar a confissão. Trata-se de uma passagem detentora de uma profundidade filosófica e, ao mesmo tempo, refinamento estético que somente as poucas grandes obras literárias foram capazes de alcançar. A longa leitura do trecho vale o efeito produzido:

A sua presença pesava-me e irritava-me. Ia dizer-lhe para se ir embora, quando, virando-se para mim, exclamou de repente: 'Não, não posso acreditá-lo. Tenho a certeza de que já lhe aconteceu desejar uma outra vida'. Respondi-lhe que com certeza, mas isso era o mesmo do que desejar ser rico, nadar muito depressa ou ter uma boca mais bem feita. Era da mesma ordem. Mas ele deteve-me e quis saber como imaginava eu essa outra vida. Repliquei: 'Uma vida onde me pudesse lembrar desta vida'. E disse-lhe que já bastava. Queria continuar a falar destas coisas, mas eu avancei para ele e expliquei-lhe pela última vez que já não tinha muito tempo à minha frente. Não queria perdê-lo com discussões. Tentou mudar de assunto, perguntando-me por que motivo eu o tratava por 'senhor', e não por 'meu pai'. Isto enervou-me e respondi que ele não era meu pai: e estava do lado dos outros.

'Não, meu filho, disse ele pondo-me a mão no ombro. Estou ao seu lado, mas não o pode saber, porque o seu coração está cego. Rezarei por si'.

Então, não sei por quê, qualquer coisa rebentou dentro de mim. Pus-me a gritar em altos berros e insultei-o e disse-lhe para não rezar e que, mesmo que houvesse um Inferno não me importava, pois era melhor ser queimado no fogo do que desaparecer. Agarrara-o pela gola da sotaina. Atirava para cima dele todo o fundo do meu coração com impulsos de alegria e de cólera. Tinha um ar tão confiante, não tinha? Mas nenhuma das suas certezas valia um cabelo de mulher. Nem sequer tinha a certeza de estar vivo, já que vivia como um morto. Eu, parecia ter as mãos vazias. Mas estava certo de mim mesmo, certo de tudo, mais certo do que ele, certo da minha vida e desta morte que se aproximava. Sim, não sabia mais nada do que isto. Mas ao menos segurava esta verdade, tanto como esta verdade me segurava a mim. Tinha tido razão, tinha ainda razão, teria sempre razão. Vivera de uma dada maneira e poderia ter vivido de outra dada maneira. Fizera isto e não fizera aquilo. Não fizera uma coisa e fizera outra. E depois? Era como se durante este tempo todo tivesse estado à espera deste minuto... e dessa madrugada em que seria justificado. Nada, nada tinha importância e eu sabia bem por quê. Também ele, sabia por quê. Do fundo do meu futuro, durante toda esta vida absurda que eu levava, subira até mim através dos anos que ainda não tinham chegado, um sopro obscuro, e esse sopro igualava na sua passagem tudo o que me propunham nos anos, não mais reais, em que eu vivia. Que me importava a morte dos outros, o amor de uma mãe, que me importava o seu Deus, as vidas que se escolhem, os destinos que se elegem já que um só destino podia eleger-me a mim próprio e, comigo, milhares de privilegiados que, diziam como ele, ser meus irmãos? Compreendia, compreendia o que eu queria dizer? Toda a gente era privilegiada. Só havia privilegiados. Também os outros seriam um dia condenados. Também ele seria um dia condenado. Que importava se, acusado de um crime, era executado por não ter chorado no enterro da minha mãe? O cão de Salamano valia tanto



como a mulher dele. A mulher autômato era tão culpada como a Parisiense que não se casara ou como Maria, que queria que eu casasse com ela. Que importava que Raimundo fosse meu amigo, ao mesmo nível que Celeste, que valia mais do que ele? Que importava que Maria oferecesse hoje a sua boca a um novo Meursault? Compreendia, compreendia ele este condenado? E que do fundo do meu futuro... quase atabafava, ao gritar estas coisas. Mas já me arrancavam o padre das mãos, já os guardas me ameaçavam. Foi ele, no entanto, quem os acalmou. Olhou-me uns instantes em silêncio. Tinha os olhos cheios de lágrimas. Voltou-se e foi-se embora. Sentia-me agora outra vez calmo. (CAMUS, 1982, p. 294-297).

A explosão de raiva e de alegria apresenta um momento do que os antigos chamariam de *anagnorisis*, quando a personagem alcança o conhecimento, todas as suas escolhas e ações tornam-se claras como nunca as foram, sua segurança e consciência não podem ser maculadas pela mão de um representante de uma instituição que controla a sociedade e trata da manutenção do sistema já a milênios. Sua força de vontade e valores são incorruptíveis, a “verdade” e a clareza de pensamento em momento algum dão espaço para o semear da dúvida, para a manifestação de credices. A moral firme demonstrada por Mersault, sua habilidade argumentativa, seu raciocínio claro e coragem são muito maiores do que a fuga proposta pela igreja. A certeza dos valores e princípios da protagonista são igualmente mais fortes do que os apresentados pelo padre, e isso fica claro quando este percebe a verdade das palavras de Mersault e envergonhado, “com lágrimas nos olhos”, parte derrotado, por um reles assassino, que novamente pode retornar triunfante ao seu estado de calma, mais certo do que nunca de que cada ato de sua vida foi válido, ainda que manifesto em sentido oposto ao convencionalizado pela sociedade.

A resposta dada por Mersault ao padre acaba por reforçar um elemento anterior, mencionado, aparentemente sem importância, o julgamento que seguiria ao da protagonista seria o de um parricida, o que permite mesmo imaginar tratar-se-ia de apenas um processo, a personagem não é somente julgada pelo assassinato do árabe, mas também por causa de uma série de infrações às convenções sociais, algumas destas estão diretamente ligadas ao desrespeito a preceitos religiosos, assim, além de se estar julgando o assassino de um homem, também se está julgando e condenando o assassino de um pai, Deus... Seriam duas sentenças, duas condenações...

Enfim, o que se percebe da figura de Mersault é que ele apresenta um sujeito que interage com a sociedade, sendo que esta se porta de maneira questionável, seja devido à presença da falsidade, da alienação ou mesmo da má-fé, de uma sociedade indiferente que apenas se



manifesta próxima e ativa enquanto mantenedora do contrato social, que rege, guarda e trata da manutenção de um status quo.

Mersault acaba caracterizando-se muitas vezes como um reflexo da sociedade que o cerca, desta forma entende-se por que pouca coisa o empolga, busca se adaptar a todas as situações e causar o menor impacto social possível, mesmo procurando não desagradar de qualquer forma os sujeitos que com ele se relacionam.

O estrangeiro, em verdade, é um grito que busca despertar uma sociedade apática e covarde, que não se levanta contra os mecanismos de controle estatal e convenções sociais, que a tanto se impregnaram, acabam por se tornarem de difícil percepção, uma vez que se tem de parar e observar, pensar acerca dos fatos e circunstâncias que se apresentam rotineiramente na vida de cada indivíduo. O que num passado não tão distante foi denunciado por Camus, continua a ser denunciado na atualidade. A literatura e as demais artes continuam com uma de suas mais importantes manifestações, a de denúncia social. Resta saber até quando a apatia e a covardia humana vão persistir, permitindo que este estado de coisas se perpetue. Até quando vão se vender por comida, álcool e televisão...?, por que é só isso que lhes é oferecido, segurança, saúde, educação e liberdade ainda são uma piada, mesmo nos países que se intitulam de primeiro mundo ou desenvolvidos...

REFERENCIAS

- BARRETO, Vicente. *Camus, vida e obra*. 2ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- CAMUS, Albert. *Estado de Sítio; O Estrangeiro*. Trad. Maria Jacintha e Antonio Quadros. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica – Departamento de Letras, 2001.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- KAFKA, Franz. *O Processo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- LOCKE, John. *Segundo Tratado Sobre o Governo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- MONTESQUIEU. *Do Espírito das Leis*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- THOREAU, Henry David. *Da desobediência civil*.